

As bases do ensino de infografia nos cursos de Jornalismo: a convergência entre Estatística, Cartografia e Quadrinhos

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



RICARDO JORGE DE LUCENA LUCAS¹

RESUMO

O presente trabalho discute a necessidade do ensino de infografia no âmbito dos cursos de Jornalismo e as respectivas competências que o aluno deve ter na área para a produção de material preciso e adequado ao seu futuro campo profissional. Para embasar tal discussão, referenciamos alguns campos importantes para o desenvolvimento histórico e conceitual da infografia, cujos preceitos básicos (oriundos das áreas da Cartografia Temática, da Estatística Descritiva e das Histórias em Quadrinhos) devem ser dominados pelo futuro profissional da área.

PALAVRAS-CHAVE

Infografia jornalística. Ensino de Jornalismo. Estatística Descritiva. Cartografia Temática. História em Quadrinhos. Programação Visual.

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professor dos cursos de graduação em Jornalismo e em Publicidade e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA-UFC) e Jornalista. Email: ricardo.jorge@gmail.com.

As bases do ensino de infografia nos cursos de Jornalismo: a convergência entre Estatística, Cartografia e Quadrinhos

1 INTRODUÇÃO (REAL)

Em 2009 fui convidado para realizar uma palestra a um grupo de profissionais de um jornal impresso, no nordeste, junto com uma das profissionais da casa, que havia participado recentemente de um curso rápido sobre infografia em São Paulo, com participações de Luiz Iria (editor de infografia da Editora Abril) e Alberto Cairo (jornalista e professor da *University of North Carolina*). O motivo de minha ida àquela redação era a minha pesquisa de doutorado a respeito dos usos da infografia no jornalismo brasileiro.

Além do que eu tinha a falar, propus um pequeno exercício aos presentes: fazer um esboço, a lápis, de uma infografia. A proposta era refazer, infograficamente, um pedaço de página de uma história do incrível Hulk, da Marvel Comics; nesse trecho da história havia uma explicação sobre porque às vezes o Hulk cinza ficava mais ou menos zangado, o que estava ligado às fases da lua. Exibi a página original (FIGURA 1, a seguir), imagens do Hulk como referência visual, dados biográficos e esquemas mostrando as fases da lua, o que acreditava ser suficiente para motivar alguns dos presentes. A página original da história era confusa em termos de diagramação, e achei que era um bom exercício para ver quem levava algum jeito.

Qual não foi o meu espanto ao verificar que ninguém quis fazer o esboço na hora (uma parte dos presentes, os repórteres, alegou que aquilo “tomaria tempo” e eles tinham de voltar ao trabalho). Ao final da palestra, conversei com os profissionais da editoria de Arte: combinamos que eu passaria a eles o material mostrado por e-mail e eles me retornariam mandando um esboço escaneado, para que eu avaliasse (afinal, eu era um ‘professor’). Até hoje espero algum retorno...

Muitas respostas são aqui possíveis, principalmente se considerarmos os diferentes tipos de profissionais presentes àquela ocasião. Os repórteres talvez acreditem que seja muito mais fácil escrever um lide do que esboçar o desenho de uma infografia; os profissionais da arte, talvez por não serem (suponho) formados em Jornalismo, devem ter se sentido envergonhados ou ficaram com medo de ser avaliados. Mas tal reação geral não deixa de ser, no mínimo, inquietante. Ficou-me claro que todos ali presentes sabiam o que era uma infografia, sabiam reconhecer uma quando a viam; porém, não tinham, ou

pareciam não ter, ou não queriam, ter o domínio daquela forma de texto (ou não queriam demonstrar isso).

FIGURA 1 – DETALHE DA PÁGINA 69 DE OS MAIORES CLÁSSICOS DO INCRÍVEL HULK NO. 1



© Marvel Comics

Tal fato não parece reforçar a ideia de que se aprende a fazer jornalismo em uma redação. O jornal em questão faz uso sistemático de infografias, tem profissionais contratados para isso, mas, mesmo assim, ninguém se sentiu à vontade para tal exercício. Isso nos leva a considerar a urgência do ensino da infografia nos cursos de Jornalismo.

2 PROBLEMATIZANDO...

Esse introito nos leva a várias dúvidas; a principal delas (e motivo de nossa discussão aqui) é: o quê ensinar, exatamente, a alguém que pretende aprender a fazer infografias? E como? Os cursos de Jornalismo em sua maioria, ao que parece, ainda não estão preparados para essa nova realidade; e talvez

As bases do ensino de infografia nos cursos de Jornalismo: a convergência entre Estatística, Cartografia e Quadrinhos

não seja pelo fato de a infografia ser uma novidade nas redações e salas de aula. O jornalismo digital, *online* ou o nome que se queira dar, tem concentrado parte considerável das discussões contemporâneas sobre Jornalismo e/ou Comunicação nos eventos da área (SBPJor, FNPJ, Compós, Intercom)² e é um pouco mais 'recente', se considerarmos o período da Guerra do Golfo (1990-1) como paradigmático do 'boom' das infografias no jornalismo.

Em artigo sobre a infografia como narrativa jornalística, a professora Tattiana Teixeira cita um levantamento preliminar feito por Talita Fernandes para o NUPEJOC (Núcleo de Pesquisa em Linguagens do Jornalismo Científico - UFSC), no ano de 2008; tal levantamento visava encontrar informações a respeito da existência de disciplinas voltadas para o ensino de infografia nos cursos de Jornalismo no Brasil. Em consulta aos currículos atualizados disponibilizados em sites oficiais das instituições de ensino superior no Brasil, o resultado obtido por Talita Fernandes foi ínfimo³, como se pode ver a seguir (TABELA 1).

6 |

TABELA 1 - QUANTIDADE DE CURSOS QUE OFERTAM A DISCIPLINA DE INFOGRAFIA

Região	Cursos / por região	Currículos analisados	Possuem disciplina Infografia
Centro-Oeste	31	29	2
Nordeste	56	45	0
Norte	25	22	0
Sudeste	177	145	13
Sul	50	50	1
Total	339	291	16

Fonte: Talita Fernandes *in* Tattiana Teixeira, 2009.

Não acreditamos que esse cenário tenha se modificado tanto nos últimos anos. Fizemos uma rápida e modesta busca na Internet com as expressões exatas 'infografia OR infográfico ementa bibliografia universidade' e 'infografia OR infográfico disciplina ementa', cujo cruzamento dos resultados à época

² Um exemplo: no 7º. Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, aproximadamente 27% dos trabalhos aprovados para apresentação discutiam diretamente ou indiretamente as relações do Jornalismo com a Internet ou com as mídias digitais; por outro lado, pouco mais de 3% dos trabalhos discutiam a relação entre Jornalismo e as infografias.

³ Na tabela construída por Talita Fernandes, há indicações de duas notas de rodapé, as quais reproduzimos a seguir: Nota 12 (referente ao item "cursos / por região"): 'A listagem de cursos de Jornalismo foi retirada do site do MEC (<http://www.educacaosuperior.inep.gov.br>), acessado em 16/06/2008. A listagem original continha 345 cursos. Atualmente o número de cursos de Jornalismo oferecidos no Brasil, de acordo com o MEC, é 369'. Nota 13 (referente ao dado sobre as 13 disciplinas de infografias existentes na região Sudeste): '13 cursos possuem disciplina Infografia, mas 12 deles são da Unip – Universidade Paulista, 10 localizados na Grande São Paulo (8 só na cidade de São Paulo) e 2 no interior paulista'.

(2010) nos deu algumas respostas: de 18 disciplinas localizadas após essa rápida pesquisa, verificamos que nenhuma delas era estritamente ligada à infografia, mas geralmente o assunto se constituía em uma unidade de disciplinas como Planejamento Gráfico (ver QUADRO 1, a seguir). Além disso, algumas dessas disciplinas não usavam nenhuma bibliografia (impressa ou eletrônica) voltada especificamente para a infografia, apenas para o aspecto da linguagem gráfica e visual.

Ou seja: a infografia, ao que parece, nas disciplinas encontradas, é vista apenas como a possibilidade gráfica do relato visual de uma história, não como o objeto de uma discussão mais ampla. Percebe-se, assim, que a infografia ainda é algo 'estranho': alguns não a consideram jornalismo, mas sim 'ilustração' ou algo similar; tampouco se sabe se é um gênero, um subgênero jornalístico ou apenas um recurso visual; nem há proposta para tentar padronizar, em língua portuguesa, o nome correto (infografia? Infográfico? Desenho da informação?) e que busque definir o que seja a infografia jornalística, diferenciando-a daquilo que alguns teóricos da área de imagem e da comunicação chamam (também) de 'infografia' e que, a nosso ver, caracteriza a 'imagem de síntese': imagens geradas por computador e sem qualquer vínculo indicial (no sentido peirceano da expressão) com a realidade.

Isso nos leva a enumerar alguns virtuais problemas dessa visão:

- a) a redução de uma modalidade de linguagem específica a uma possibilidade gráfica;
- b) o enfraquecimento da possibilidade de se estudar a infografia como um gênero (jornalístico ou discursivo);
- c) o reforço da ideia de que a infografia é um afazer exclusivo do profissional de arte de uma redação;
- d) o reforço da falsa ideia de que a infografia, por ser um 'produto gráfico', é ilustração, não jornalismo; e
- e) finalmente, não é um assunto que precise ser explorado nas disciplinas de Jornalismo em geral.

QUADRO 1 - RELAÇÃO DE CURSOS DE JORNALISMO QUE ABORDAM A INFOGRAFIA E A BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA USADA (ANO DE 2010)

As bases do ensino de infografia nos cursos de Jornalismo: a convergência entre Estatística, Cartografia e Quadrinhos

Instituição	Disciplina	Bibliografia específica usada
FUMEC (Minas Gerais)	Unidade (Planejamento gráfico em Jornalismo II)	<i>Infografia 2.0</i> - Alberto Cairo
Uniderp (Universidade Anhanguera)	Unidade (Planejamento gráfico)	Nenhum livro específico
UFRB (Universidade Federal do Recôncavo Baiano)	Unidade (Editoração e Processos Gráficos em Jornalismo)	Nenhum livro específico
UFC (Universidade Federal do Ceará)	Unidade (Jornal Laboratório)	<i>Apuntes de Infografia Periodística</i> - Raymond Colle + <i>Jornalismo Iconográfico</i> - Gonzalo Peltzer
UFC (Universidade Federal do Ceará)	Unidade (Planejamento gráfico)	Nenhum livro específico
Mackenzie	Unidade (Planejamento gráfico)	<i>Jornalismo Iconográfico</i> - Gonzalo Peltzer
Faculdade Boas Novas	Unidade (Introdução às artes gráficas)	Nenhum livro específico
UFAL (Universidade Federal de Alagoas)	Unidade (Edição em mídia impressa)	Informação não disponível no site
UNIFIEO	Unidade (Informática aplicada)	Nenhum livro específico
FIC (Faculdades Integradas do Ceará)	Unidade (Planejamento gráfico II)	Nenhum livro específico
FAPCOM	Unidade de módulo (Planejamento gráfico em meio impresso)	Nenhum livro específico
Faculdade 2 de Julho	Unidade (Jornalismo digital)	Nenhum livro específico
PUC-Campinas	Unidade (Planejamento gráfico)	Informação não disponível no site
PUC-RJ	Unidade (Planejamento gráfico)	Nenhum livro específico
Faculdade Estácio de Sá (SC)	Item de conteúdo programático (Tópicos teóricos II - análise crítica da mídia)	Nenhum livro específico
FEMA (Fundação Educacional do Município de Assis)	Unidade (Jornalismo especializado)	Nenhum livro específico
UBM (Centro Universitário de Barra Mansa)	Unidade (Planejamento gráfico em Jornalismo II)	Não localizado
UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro)	Unidade (Jornalismo Gráfico II)	Nenhum livro específico

Fonte: O autor.

Isso pode nos levar a várias outras indagações, mas as que nos interessam aqui são: o que ensinar em uma disciplina voltada para o ensino de infografia e que possa ser útil para o Jornalismo? E por quê?

3 O QUE É UMA INFOGRAFIA?

Antes de tudo, parece consenso que a infografia seja uma nova modalidade do fazer jornalístico, ainda que não se tenha definido de modo muito claro se ela é um gênero jornalístico, um subgênero jornalístico ou se é apenas uma tradução visual de algo que não pode ser relatado. O francês Jean-

Marie Chappé, por exemplo, propõe ver a infografia como um novo procedimento de tratamento da informação, distinto do texto e da imagem fotográfica ou desenhada (CHAPPÉ, 2005, p. 21); já o jornalista espanhol Antonio López Hidalgo (2009) percebe a infografia como uma unidade significativa complementar em relação aos textos verbais informativos ou interpretativos, ou seja: como um gênero jornalístico complementar. Ele propõe a discussão dos gêneros jornalísticos complementares considerando as mudanças visuais pelas quais o jornalismo impresso passou nos últimos anos (os longos textos escritos até a metade do século 20 foram gradativamente substituídos por textos menores, interligados a retrancas, quadros explicativos e pequenos textos informativos). Essas mudanças interferiram no modo de produção dos textos jornalísticos e, conseqüentemente, na disposição espacial de elementos verbais e visuais. Assim, os gêneros complementares existem por serem o resultado direto de uma maior preocupação visual no jornal impresso.

O jornalismo visual tem buscado novos formatos para aproximar a imprensa do leitor e torná-la mais atrativa. Para isso, tem tido que recorrer ao esfacelamento dos textos e, desta maneira, oferecê-los ao leitor em unidades distintas e autônomas mas dependentes, de um ponto de vista temático. Falamos do box⁴, do complemento, da notícia complementar, da fotonotícia, da infografia e dos textos de informação útil. (LÓPEZ HIDALGO, 2009, p. 46, tradução nossa⁵).

| 9

É difícil aceitar que a infografia seja um gênero complementar (e não um possível gênero jornalístico informativo, como a notícia), na medida em que há casos em que ocorre o contrário: ou ela é o elemento central da informação,

⁴ No texto original, abaixo, lê-se 'despiece' no lugar de 'box'. O autor se refere ao 'despiece' para remeter aquele tipo de informação complementar de uma matéria ('10 dicas para o Imposto de Renda', 'frases do personagem', por exemplo). Em parte das redações brasileiras, adota-se a expressão 'box', ainda que o 'despiece' possa compreender também aquilo que chamamos no Brasil de 'matéria coordenada'. Infelizmente não temos um termo preciso, como ocorre nos EUA, onde alguns autores falam em 'sidebar' (vide HARROWER, 2002: 153). Porém, no Manual de Redação do jornal espanhol *El País* (1990, pp. 38-9), a definição de 'despiece' diz respeito a um tipo de artigo opinativo interpretativo ou analítico que acompanha um texto informativo. Um exemplo no Brasil seriam os textos intitulados 'Opinião' publicados no jornal *O Globo*.

⁵ "El periodismo visual ha buscado nuevos formatos para acercar la prensa al lector y hacerla más atractiva. Para ello ha tenido que recurrir al troceamientos de los textos y de esta manera ofrecerlos al lector en unidades distintas y autónomas aunque dependientes desde un punto de vista temático. Hablamos del despiece, del complemento, de la noticia complementaria, de la fotonoticia, de la infografia y de los textos de información útil".

As bases do ensino de infografia nos cursos de Jornalismo: a convergência entre Estatística, Cartografia e Quadrinhos

chegando mesmo a substituir completamente o texto tradicional⁶ ou a compreensão do texto verbal pode estar diretamente ligado à leitura anterior de uma infografia. Para nós, prevalece a ideia de que ela seja, antes de tudo e por ora, um modo possível de uso da linguagem gráfico-visual, sujeita a compreender outros gêneros jornalísticos além do informativo.

Além disso, por mais que possamos considerar a infografia como pertencente ao gênero jornalístico informativo, nada impede a presença do caráter opinativo em sua composição visual; um exemplo disso é um gráfico feito por Nigel Holmes para a revista Time, que mostra o desenho de um árabe estereotipado (como um sheik, de óculos escuros) de boca aberta, na qual os dentes equivalem a barras de gráficos estatísticos (ver FIGURA 2, adiante). Como o gráfico em questão era sobre a alta do preço do barril de petróleo, não era difícil perceber visualmente os árabes como 'personagens vorazes'⁷.

Mas compreender as infografias em sua condição genérica leva a outra discussão: ela é algo restrito ao jornalismo impresso ou pode ser objeto de discussões vinculadas também ao telejornalismo e ao jornalismo digital? Optamos por essa última visão, na medida em que nesses meios faz-se importante também o uso de informação assim tratada. Jean-Jacques Jaspers (1998, p. 139-141), por exemplo, aborda a importância do uso do que ele chama de "desenho didático" no telejornalismo; Lorenzo Vilches (1997, p. 180-190) analisa o uso de imagens fixas (mapas, gráficos) na área do telejornalismo; e Alberto Cairo (2008) dedica metade de sua obra ao uso de infografias interativas em suportes e mídias digitais. Isso nos leva a defender a ideia de que

10 |

⁶ Podemos citar, como exemplos, as revistas brasileiras *Superinteressante* e *Mundo Estranho* ou a antiga seção 'Diagrama' da revista semanal *Época*.

⁷ Nossa tendência é pensar, em termos mais amplos, na infografia como um *hipergênero*, conforme a definição proposta pelo pesquisador francês Dominique Maingueneau, em oposição a alguns tipos textuais percebidos como gêneros. Para Maingueneau, os gêneros se caracterizam por apresentam uma série de regularidades estruturais, sintáticas e temáticas dentro de um dado contexto histórico; já os hipergêneros se caracterizam por apresentarem fracas restrições de gênero, no máximo 'enquadrando' certos textos. Entre as formas tradicionais de hipergênero propostas por Maingueneau, estão a carta, o diário e o diálogo, formas antigas e que permitem a transmissão de conteúdos completamente diferentes (filosóficos, literários, jornalísticos, publicitários etc.); e, entre as formas historicamente mais recentes, estão o site e o blog. Para mais detalhes do conceito de hipergênero, ver MAINGUENEAU, Dominique. *Doze Conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 129-38. Infelizmente, o desenvolvimento dessa ideia extrapola os limites deste artigo.

a infografia deve ser abordada nos currículos não como um gênero restrito ao jornalismo impresso, mas como algo pertinente ao jornalismo como um todo.

FIGURA 2 – GRÁFICO FEITO POR NIGEL HOLMES PARA A REVISTA TIME EM 1979



© Time Magazine

4 PRA QUÊ INFOGRAFIA?

Outro consenso é que a infografia, para ser jornalística, deve obedecer aos preceitos jornalísticos clássicos. Em suma: relatar um fato jornalístico por meio de uma infografia é outro modo de relatar esse fato. Também é consenso que a infografia é um bom meio para fazer descrição de objetos “desmontados” ou recortados (PELTZER, 1992, p. 130-131). Porém, usá-la como recurso para melhor visualizar um dado fenômeno físico é apenas parte do seu potencial. Vários autores lembram a utilidade da infografia para visualizar dados quantitativos, os quais não precisam ser expressos necessariamente através das tradicionais formas estatísticas (tabelas, gráficos), assim como advertem para a crescente produção de informação e dados no mundo contemporâneo e a necessidade de saber encontrar uma notícia no meio desses mesmos dados (DADER, 2002, p. 48-50).

Assim, as possibilidades infográficas podem ser mais úteis quando se pensa no seu uso dentro não apenas do jornalismo tradicional (informativo),

As bases do ensino de infografia nos cursos de Jornalismo: a convergência entre Estatística, Cartografia e Quadripos

mas também no âmbito do Jornalismo de Precisão (conforme o conceito de Philip Meyer criado nos anos 1970: a aplicação dos métodos científicos de investigação social e comportamental à prática do jornalismo). Como lembra Dader (2002, p. 21), há uma diferença entre repetir dados e números repassados por fontes públicas ou privadas e entre fazer comprovações e cálculos a partir desses dados. E, acrescentamos nós, há uma diferença entre repetir tabelas e dados governamentais de modo *ipsis litteris* e entre apresentar uma nova leitura desses dados e mostrá-los visualmente ao leitor. Ou seja: a infografia pode ser um espaço gráfico no qual o leitor possa se aprofundar nos dados apresentados e manipulados pelo jornalista.

Ao mesmo tempo, a infografia deve permitir a possibilidade de várias camadas de leitura dos dados visualizados, em vez de ser apenas um recurso visual de leitura rápida; nesse sentido, Cairo (2011, p. 22-32) demonstra que, no espaço infográfico, cabem tanto a apresentação (visualização) dos dados quanto a exploração (leitura crítica) dos mesmos.

12 | Cairo (2008, p. 57-60) analisa ainda a importância da aproximação entre o jornalismo de precisão e a visualização analítica infográfica, mas ele mesmo adverte que, fora dos Estados Unidos, essa convergência ainda é rara, por conta da dificuldade de acesso a bases públicas de dados, da resistência dos jornais em contratar profissionais especializados de áreas como cartografia e estatística, e por ignorância daquilo que o binômio entre Jornalismo de Precisão e infografia pode conseguir. O autor dá como exemplo a redação do *The New York Times*, que inclui repórteres auxiliados por computador (*computer-assisted reporters*), cartógrafos e programadores em seus quadros. Isso implica uma mudança no *modus operandi* do jornalista, que teria de trocar a busca por quem fala algo (a fonte) pela busca de dados (ou seja, o jornalista se torna uma espécie de 'leitor' da realidade, precisa adquirir conhecimento técnico e metodológico para aprender a ver de outro modo) (DADER, 2002, p. 10-11).

O que podemos perceber é que a infografia, no tocante à visualização de dados, solicita um conjunto de competências que envolve o domínio de determinadas linguagens (cartografia, estatísticas, manuseio de softwares) e que ultrapassa o aspecto meramente icônico dos referentes jornalísticos. Não à toa, alguns autores identificam na origem da infografia, como pontos de

partida, “os gráficos estatísticos, a cartografia e as histórias em quadrinhos” (COLLE, 1996). Detenhamo-nos, brevemente, nesses três “códigos de origem” da infografia, os quais, defendemos, devem ser ensinados aos alunos de Jornalismo, com as devidas adaptações, ainda que, a nosso ver, isso se constitua apenas num ponto de partida inicial⁸.

5 OS ‘CÓDIGOS’ ORIGINAIS DA INFOGRAFIA

O uso parcimonioso de recursos cartográfico-estatísticos em parte das infografias e a localização do tema nos currículos aqui pesquisados parecem apontar, inicialmente, para certo temor à estatística e a seus produtos derivados (tabelas numéricas, gráficos). É bastante provável que certa resistência a esse recurso se dê justamente pela má compreensão dessa linguagem, misturado ao medo (ou à crença) de deixar o relato infográfico ‘demasiado estatístico’ ou ‘demasiado científico’. Isso cria dois problemas de algum modo interligados entre si: o pouco uso infográfico desses recursos no jornalismo ou o mau uso deles. Em ambos os casos, isso parece ser decorrente do *inumerismo*⁹, seja por parte do jornalista (que não domina os números) ou da imagem que ele faz do leitorado do veículo para o qual trabalha (ou seja, o leitor é que poderia não compreender tal informação infográfica baseada em números). Além disso, pode ocorrer o oposto: por não se sentir seguro para analisar (e, eventualmente, rebater) certas informações e dados que tenha diante de si, o jornalista simplesmente repete o que a fonte afirmou e coloca o devido crédito no rodapé da infografia. Tal tendência ilustra bem o que os pesquisadores franceses Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2008, p. 280) chamam de *insegurança discursiva*, ou seja, a estratégia do jornalista de inserir as falas das fontes em seu texto, criando uma heterogeneidade explicitamente

⁸ Alguns veículos fazem uso de outras formas gráficas de visualização de dados, como o cosmógrafo e a caixa-de-bigodes.

⁹ A expressão ‘inumerismo’ é do matemático norte-americano John Allen Paulos, para se referir ao que ele chama de ‘analfabetismo em matemática’. No Brasil, se começa a usar termos que se refiram ao oposto do analfabetismo, ou seja, ao alfabetismo, com derivações diversas: ‘letramento’, para se referir à leitura e escrita de textos verbais, ‘numeramento’, para se referir às habilidades matemáticas, e assim por diante. Ver detalhes em FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Letramento no Brasil** – habilidades matemáticas. São Paulo: Global / Ação Educativa / Instituto Paulo Montenegro, 2004.

As bases do ensino de infografia nos cursos de Jornalismo: a convergência entre Estatística, Cartografia e Quadrinhos

mostrada. E, acrescentamos nós, isso vale não apenas para as informações textuais, mas também para os demais tipos de informações e dados em geral.

É possível que nossa fala possa ser percebida como uma tentativa de criar (ou de aumentar) um suposto *efeito de cientificidade* na superfície significativa das páginas do jornal, ao defendermos que o jornalista domine essas linguagens gráficas estatísticas. Na verdade, o que propomos é justamente o oposto: o máximo domínio possível dessas linguagens como forma de simplificar a compreensão de fenômenos complexos, transformando uma dada massa de dados numéricos e brutos em informação jornalística que possa vir a ser ancorada na realidade experiencial do leitor¹⁰. A falta de domínio dessas linguagens gráficas estatísticas implica várias consequências. Entre as mais comuns delas podemos apontar:

a) o jornalista que se torna refém de uma fonte oficial (por não dominar os parâmetros necessários para rebater qualquer eventual informação baseada em números);

14 | b) o uso dos gráficos mais centrados no esforço de criar um efeito de objetividade do que na apresentação adequada de um conjunto de informações; e

c) o mau uso dos gráficos, implicando em distorções na apresentação da informação. A este último respeito, há várias considerações no âmbito do jornalismo sobre informações estatísticas apresentadas de forma equivocada (ver, por exemplo, DADER, 2002, p. 140-143; THE ECONOMIST, 1991, p. 95-111; WHITE, 2005, p. 168-170.).

Compreender os princípios básicos da Estatística Descritiva¹¹ por parte do jornalista implica um melhor modo de tratar a informação baseada nesse

¹⁰ Lembramos aqui os recentes estudos e pesquisas sobre letramento e numeramento (ou literacia matemática), que investigam os níveis de alfabetismo matemático entre a população brasileira, e o fato de que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática estão incluindo o tema em seus conteúdos, como 'alfabetização com o tratamento e a interpretação de dados em diferentes representações gráficas'. Nas pesquisas citadas, pode ser levado em conta, por exemplo, o universo de entrevistados que se sentem à vontade para ler matérias acompanhadas de gráficos, tabelas ou mapas. Ver, sobre o assunto, TOLEDO, Maria Elena Roman de Oliveira, 'Numeramento e Escolarização: o papel da escola no enfrentamento das demandas matemáticas cotidianas', in FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis, *op. cit.* (ver nota anterior).

¹¹ A expressão 'Estatística Descritiva' se refere aos modos de ordenação, exposição e sumarização de dados e registros quantitativos, relativos aos atributos de um fenômeno que é

universo. Isso significa tanto compreender os números que têm diante de si quanto torná-los compreensíveis para o leitor leigo. Isso não significa apenas a mera transcrição visual de dados numéricos, mas sim a criação de recursos visuais que permitam um aprofundamento nos dados. Em Cairo (2011, p. 17-18), há um bom exemplo disso, publicado na revista *Época* em fevereiro de 2011: um gráfico da relação entre o PIB e o índice de desigualdade de renda entre 1981 e 2010, a partir de dados do Banco Mundial, FMI e IBGE (FIGURA 3, adiante). Nele, são mostradas diversas variáveis (variação do PIB, variação da desigualdade social, linha temporal, presidentes etc.), ao mesmo tempo em que se ensina ao leitor o modo correto de ler e interpretar o gráfico.

FIGURA 3 – GRÁFICO FEITO POR ALBERTO CAIRO PARA A REVISTA ÉPOCA EM 2011



© Revista Época

Richard Saul Wurman, arquiteto da informação, por sua vez, lembra a importância dos números para uma dada informação, desde que eles possam ser comparados com algo cotidiano ou comum na vida das pessoas, como, por exemplo, deixar clara a diferença entre um milhão e um bilhão (WURMAN, 2005, p. 262). Um bom exemplo de discussão sobre isso está na breve análise do matemático John Allen Paulos sobre o uso de dados numéricos e estatísticos

estudado. Entre os modos mais comuns de exposição e sumarização de dados estão os gráficos de barras, de tortas (ou pizzas), de linhas e de curvas.

As bases do ensino de infografia nos cursos de Jornalismo: a convergência entre Estatística, Cartografia e Quadrinhos

descontextualizados em informações sobre mortos em conflitos envolvendo os Estados Unidos e outras nações (Vietnã, Iraque) ou sobre doenças e os (por vezes) poucos recursos necessários para combatê-las (PAULOS, 1995, p. 58-62).

O mesmo vale, até certo ponto, para a feitura de mapas cartográficos, sejam eles geográficos ou temáticos (estes, voltados para a visualização cartográfica de certos fenômenos em mapas quantitativos, como a incidência por doenças ou de crimes por regiões). É certo que, atualmente, o uso de *softwares* (*Google Earth, Bing Maps 3D*) – que permitem a transformação de imagens de satélite em imagens para serem usadas jornalisticamente – facilitou a vida dos produtores de infografias no que diz à visualização de uma região geográfica.

Por outro lado, porém, um pouco de conhecimento básico sobre a prática cartográfica, em especial a temática, baseada nos diferentes modos de representação visual dos mapas quantitativos, seria útil para ajudar numa melhor visualização cartográfica e numérica de certos eventos. Conforme lembra o pesquisador norte-americano e professor de Geografia, Mark Monmonier, todo mapa tende a ser uma simplificação da realidade geográfica a ser representada, o que o leva a dizer que não apenas é fácil mentir com um mapa, como também é essencial (MONMONIER, 1996, p. 1). E acrescenta adiante que um bom mapa conta várias pequenas mentiras brancas, suprimindo a verdade para ajudar o usuário a ver o que necessita ser visto (MONMONIER, 1996, p. 25).

Nesse caso, a omissão de alguns dados em imagens obtidas por satélites, antes de se constituir em uma 'alteração da realidade', implicaria uma maior facilidade em compreender a informação, que poderia ser mais bem editada e visualizar apenas o necessário, como defende Monmonier. O exemplo a seguir busca obter um maior "efeito de real" (para retomarmos a clássica definição de Roland Barthes), mas seria, cartograficamente falando, mais preciso se omitisse as informações visuais desnecessárias e visualizasse apenas o estritamente necessário para a compreensão da informação jornalística (FIGURA 4, abaixo).

FIGURA 4 – CONJUNTO DE MAPAS PUBLICADOS NO JORNAL O POVO EM 2010



© O Povo

Outro bom exemplo que resume tudo o que foi exposto até aqui, e fora do campo do Jornalismo (mas dentro da área de Ciências Humanas), é o livro *A literatura vista de longe*, do pesquisador italiano Franco Moretti (2008), na qual ele busca fazer uma análise da produção literária baseada no que ele próprio chama de *distant reading* (em oposição direta ao conceito de *close reading*). Para esse estudo, ele faz um processo de redução e de abstração a fim de obter padrões constantes em determinados períodos ou regiões; mas o que chama a atenção é o modo do autor expor seus resultados, através de gráficos quantitativos, mapas geográficos e árvores da teoria da evolução (o que pode parecer um pouco de 'heresia' aos olhos da tradicional crítica literária, mais voltada para a análise qualitativa do que para a quantitativa). Em suma: o autor trata as informações sobre a literatura dos séculos XVIII a XX como dados numéricos, geográficos e diagramáticos, e expõe seus resultados através de um tratamento visual.

Na outra ponta do processo, em situação completamente inversa, está o aspecto ligado às histórias em quadrinhos ou, para sermos mais precisos, às

As bases do ensino de infografia nos cursos de Jornalismo: a convergência entre Estatística, Cartografia e Quadrinhos

técnicas de quadrinização de uma história, ou seja: como adaptar um relato escrito ou (audio)visual (uma cena de ação, um filme, uma peça) para a linguagem quadrinística, eliminando o 'tempo real', sintetizando as imagens visuais desenhadas e articulando-as com textos (diálogos das personagens, falas do narrador, marcações dêiticas) de modo complementar.

Porém, se a Cartografia Temática e a Estatística Descritiva aparecem como 'campos nobres' (porque pertencentes a áreas científicas), a técnica de quadrinização, por ser a base visual das histórias em quadrinhos (mas também de folhetos explicativos, manuais de instruções etc.), é vista muitas vezes como uma espécie de 'primo pobre' das linguagens. Aqui, confunde-se o mercado editorial, voltado muitas vezes (mas não exclusivamente) para o público infanto-juvenil, e seu produto (a revista em quadrinhos) com a linguagem quadrinística. Apesar disso, o recurso à quadrinização é fundamental, em particular quando é necessário visualizar ao leitor as diferentes etapas de um processo passado ou futuro.

18 | Por outro lado, outros autores apontam aproximações entre as infografias e os quadrinhos (WILDBUR; BURKE, 1998). O pesquisador brasileiro Fábio Luiz Carneiro Mourilhe Silva fala em "influências formais mútuas" entre quadrinhos e infografias; por exemplo, nas infografias que envolvem informações apresentadas como arranjos organizados de dados ou fatos (como árvores genealógicas e mapas) e naquelas nas quais as informações são apresentadas para facilitar uma situação ou processo, como os diagramas que usam artes sequenciais (SILVA, 2010, p. 181). Temos um exemplo disso adiante, na FIGURA 5.

Mas o mais comum é vermos o uso da técnica de quadrinização se restringir a duas possibilidades jornalísticas: o tratamento da informação no estilo 'passo a passo' (que mostra as diversas etapas de um processo que pode ser realizado pelo leitor, como um conserto caseiro) ou para quadrinizar reconstituições de eventos geralmente ocorridos em editorias como Cidades ou Polícia (crimes, acidentes etc.). Nesses casos, parece prevalecer algo entre uma noção de didatismo (vista como suposta aprendizagem sobre algo e oferecida ao leitor) e uma visão de simplismo (no sentido de que, em tese, qualquer leitor tende a compreender melhor os fatos das editorias de Cidades ou de Polícia do

que os de Política, Economia ou Internacional), impulsionada (conscientemente ou não) pela suposição da existência de um intervalo de conhecimento (*knowledge gap*) nestas últimas áreas (que se contrapõe com a cotidianidade presente nas primeiras editoriais acima citadas).

FIGURA 5 – GRÁFICO SEQUENCIADO PUBLICADO EM O ESTADO DE SÃO PAULO EM 2007



© O Estado de São Paulo

Um dos aspectos centrais da quadrinização é a definição do que será desenhado dentro de cada quadro e do que *não* será desenhado (e que será, de certo modo, 'imaginado', 'completado' pelo leitor)¹². Como os quadrinhos são uma representação estática da ação e o espaço é algo importante, é preciso que o quadrinista saiba o que visualizar e o que pode ser deixado de lado sem prejuízo para a compreensão do leitor. O pesquisador norte-americano de quadrinhos Scott McCloud defende que um dos elementos centrais da linguagem quadrinística é a conclusão, ou seja, aquilo que "ocorre" entre um quadro e outro, e que o leitor deve completar mentalmente. Baseado nesse conceito, McCloud propõe um conjunto de transições quadro a quadro que vão do momento-a-momento (muito lento) ao *non sequitur* (sem sequência lógica entre um quadro e o próximo) (MCCLOUD, 2005, p. 70-74).

A transição que mais se aproxima da exigida pela infografia jornalística seria a transição ação-para-ação, que mostra as variações de um tema (ou de uma ação, para sermos mais precisos. Ver exemplo de quadrinização em uma infografia na FIGURA 6). Assim, quadrinizar um evento é transformá-lo num

¹² Ressalte-se que o efeito de sequencialidade pode ocorrer também com o auxílio de imagens fotográficas.

As bases do ensino de infografia nos cursos de Jornalismo: a convergência entre Estatística, Cartografia e Quadrinhos

conjunto sequenciado de ações que evite outros elementos provenientes de outras transições (em particular, aquelas que criam a noção de distância espaço-temporal entre um quadro e o seguinte). Do ponto de vista jornalístico, é preciso considerar quais as informações que precisam ser retratadas visualmente em cada quadro e como; aqui, é importante que a reconstituição seja precisa e fiel às informações obtidas pelos jornalistas, para que não se corra o risco da criação de uma peça de ficção.

FIGURA 6 – EXEMPLO DE NARRATIVA GRÁFICA SEQUENCIADA CONSTANTE DE UMA INFOGRAFIA, PUBLICADA NO O ESTADO DE SÃO PAULO EM 2007

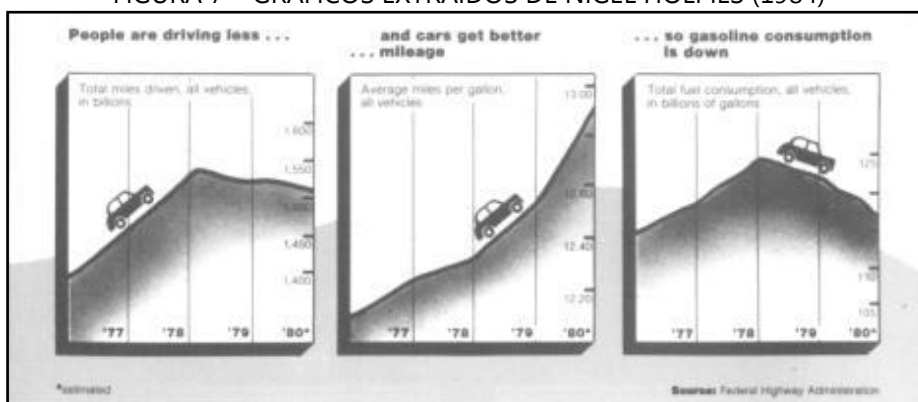


© O Estado de São Paulo

20

Além disso, é preciso cuidado com certas construções visuais, para que não fique embutida a ideia de sequencialidade. O exemplo abaixo (FIGURA 7), extraído de Nigel Holmes (1984, p. 127), mostra três gráficos distintos; porém, da maneira como eles são visualizados, de forma sequenciada e dentro de quadros, dão a (falsa) impressão de continuidade espaço-temporal, criando uma estranha perturbação visual.

FIGURA 7 – GRÁFICOS EXTRAÍDOS DE NIGEL HOLMES (1984)



© Watson-Guption Publications

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos claro que parte da estrutura curricular do Jornalismo precisa avançar, e isso não se refere especificamente ao jornalismo impresso, mas à prática do jornalismo como um todo, independentemente do suporte em questão. Assim, uma disciplina que venha a ensinar os modos de como se fazer uma infografia não será suficiente se o aluno não tiver adquirido também no curso, conforme vimos até aqui, conhecimentos básicos de Estatística Descritiva, de Cartografia Temática e de narrativa em quadrinhos. Isso não significa que o curso de Jornalismo deva se preocupar em formar profissionais que possam substituir estatísticos ou cartógrafos¹³ ou em formar quadrinistas; o que defendemos é que o jornalista, como um profissional da informação jornalística, busque dominar a maior quantidade possível de códigos nos quais: a) a informação possa estar presente, ainda que originariamente 'oculta', b) seja possível tratar adequadamente um conjunto de informações jornalisticamente relevantes, e c) seja possível (ao mesmo tempo) conhecer as técnicas cartográficas necessárias que permitam eliminar as informações visuais redundantes e as técnicas de reconstituição visual que permitam o desenho e a sequenciação de objetos e fatos condizentes com a realidade. Ou seja: a infografia exige o máximo de competências possíveis por parte do jornalista¹⁴.

Ao mesmo tempo, tal disciplina poderia permitir (caso já não ocorra em algum lugar) o contato com os demais profissionais responsáveis pela visualização de dados (cartógrafos, estatísticos, quadrinistas, cientistas etc.). Tal fato possibilitaria um maior diálogo entre as áreas e entre os profissionais, o que certamente ajudaria a elevar a qualidade do jornalismo no âmbito de sua precisão e de um tratamento visual mais apurado e adequado às virtuais


¹³ Na época em que estávamos finalizando este texto, encontramos na Internet referências ao curso Master em Jornalismo Digital, ligado ao Instituto Internacional de Ciências Sociais, em São Paulo. O referido curso apresentava, entre seus conteúdos do tema intitulado 'Jornalismo Visual', um tópico chamado justamente 'Cartografia e Estatística'. Ver: <http://www.masteremjornalismo.org.br/master/digital/materias.php>, acessado em 15 de março de 2010.

¹⁴ Além disso, mesmo que existam páginas e softwares que auxiliem no tratamento visual de informações (os quais são bem-vindos, como programas SIG, conversores de dados numéricos em mapas, geradores online de gráficos etc.), eles acabam sendo pouco efetivos se o usuário não tiver plena consciência do que é relevante, jornalisticamente falando, nem tiver condições de avaliar se o que é proposto pelo software ou recurso online, em termos informativos e/ou visuais, é adequado para a sua matéria, o seu veículo e/ou o seu público leitor.

As bases do ensino de infografia nos cursos de Jornalismo: a convergência entre Estatística, Cartografia e Quadrinhos

demandas de um leitor que 'tema' os números e mapas e que vença, ao mesmo tempo, os preconceitos com a linguagem quadrinística.

Ao mesmo tempo, é preciso ter em vista a crescente produção de dados (numéricos, geográficos, imagéticos, técnicos etc.), acelerada pela Internet. Ou seja: cada vez mais se faz necessária a visualização de dados. Assim, levamos em consideração as ideias do espanhol Joan Costa, que afirma ser a linguagem esquemática (da qual a infografia é descendente direta) a 'terceira linguagem de nossa sociedade técnica' (COSTA, 1998, p. 34).

Enfim, nossa proposta tem um único objetivo, no final das contas: qualificar o estudante de Jornalismo (e futuro jornalista) a dominar essas técnicas, dentro do *modus operandi* jornalístico (o que, sinceramente, não acreditamos que possa ocorrer apenas dentro das redações jornalísticas, tampouco está presente no 'sangue' de alguns bafejados pela sorte e pelo saber). Quando esses conhecimentos fizerem parte da estrutura curricular do Jornalismo, provavelmente tenhamos profissionais um pouco mais completos, capazes de 'enfrentar' até mesmo o incrível Hulk. Até lá, por enquanto, 'Hulk esmaga'... 

22 |

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAIRO, Alberto. **El arte funcional: infografía y visualización de información**. Madrid: Alamut, 2011.

_____. **Infografía 2.0: visualización interactiva de información en prensa**. Madrid: Alamut, 2008.

CHAPPÉ, Jean-Marie. **L'infographie de presse**. 2. ed. Paris: Victoires Éditions, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Orgs.). **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

COLLE, Raymond. **Apuntes de infografía periodística**. Disponível em: <http://www.puc.cl/curso_dist/infograf/indexIG.html>. Acesso em: 20 jan. 2007.

COSTA, Joan. **La esquemática: visualizar la información**. Barcelona: Paidós, 1998.

DADER, J. L. **Periodismo de precisión: via socioinformática de descubrir noticias**. Madrid: Editorial Síntesis, 2002.

FERREIRA, C. C.; SIMÕES, N. N. **Tratamento estatístico e gráfico em Geografia**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1994.

HARROWER, Tim. **The newspaper designer's handbook**. 5. ed. New York: McGraw-Hill, 2002.

HOLMES, Nigel. **Designer's guide to creating charts & diagrams**. New York: Watson-Guptill, 1984.

JESPERS, J. J. **Jornalismo televisivo**. Coimbra: Minerva, 1998.

LÓPEZ HIDALGO, Antonio. **Géneros periodísticos complementários: uma aproximação crítica a los formatos del periodismo visual**. México: Alfaomega, 2009.

MARTINELLI, Marcelo. **Mapas da geografia e cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 2003.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2005.

MONMONIER, Mark. **How to lie with maps**. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

MORETTI, Francisco. **A literatura vista de longe**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

PAULOS, John Allen. **As notícias e a matemática: ou de como um matemático lê o jornal**. Lisboa: Europa-América, 1997.

PELTZER, Gonzalo. **Jornalismo iconográfico**. Lisboa: Planeta Editora, 1992.

SILVA, Fábio Luiz Carneiro Mourilhe. **O quadro nos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

TEIXEIRA, Tattiana. A infografia como narrativa jornalística – uma discussão acerca de conceitos, práticas e expectativas. In: XVIII COMPOS, 2009, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1129.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2010.

THE ECONOMIST. **Guia dos números: a interpretação dos números na economia e nos negócios**. Lisboa: Caminho, 1993.

VALERO SANCHO, J. L. **La infografía: técnicas, análisis y usos periodísticos**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001.

VILCHES, Lorenzo. **La lectura de la imagen: prensa, cine, televisión**. 7. ed. Barcelona: Paidós, 1997.

WILDBUR, P.; BURKE, M. **Infográfica: soluciones innovadoras en el diseño contemporáneo**. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

WHITE, J. V. **Edição e design**. São Paulo: JSN Editora, 2006.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação 2: um guia para quem comunica e dá instruções**. São Paulo: Editora de Cultura, 2005.